



Riccelli e Kim, na Espanha, onde foi rodada parte do novo filme. Ao lado, a protagonista, Bruna Lombardi, com a atriz Marta Larralde



# Um diretor super família

Realizado com a nova carreira de diretor de cinema, Carlos Alberto Riccelli trabalha com as pessoas que mais ama: o filho, Kim, seu assistente, e a atriz e roteirista Bruna Lombardi, sua mulher há 32 anos. E promete, para o início de 2011, uma nova comédia romântica, *Onde Está a Felicidade?*. Ele conhece o caminho LINA DE ALBUQUERQUE







**Q**uerido do público da TV, Carlos Alberto Riccelli virou um ator bissexto. Há dez anos ele fez sua última minissérie na rede Globo, *Chiquinha Gonzaga*, de Lauro César Muniz. Mas em 2009 não resistiu ao convite da cineasta Tata Amaral e voltou a atuar numa série de quatro episódios – *Trago Comigo* – da TV Cultura. Riccelli tornou-se produtor e cineasta porque gosta de se atirar de cabeça nas coisas. Talvez exista mesmo uma mítica por trás de uma expressão recorrente dele: “Na vida, o bom é se jogar”. Aos 64 anos, dirigindo seu segundo filme, *Onde Está a Felicidade?*, com lançamento previsto para o começo do ano que vem, lembra que a estreia no papel de diretor coincidiu com seu primeiro salto de *bungee jump* na Califórnia, nos Estados Unidos. Primeiro, ele se jogou. Depois, dirigiu as cenas em que Bruna Lombardi, com quem está casado há 32 anos, se atirou do alto da montanha amarrada numa corda. A vocação e a sorte estavam lançadas no ar no instante em que ele gritou: “Ação!”

Era o início dos anos 1990, época em que o casal havia se mudado com o filho pequeno para Los Angeles, movido pelo sonho de produzir os próprios programas de televi-

são e fazer cinema. Dirigir a mulher se atirando num abismo na região de San Gabriel foi uma aventura e também uma alternativa para diminuir os custos da equipe do programa de entrevistas e reportagens *Gente de Expressão*, apresentado ao longo de uma década por Bruna, hoje com 58 anos. O que era para ser uma temporada de experimentação converteu-se em um modo de vida bem estruturado. Nunca mais voltaram de vez para o Brasil. Bruna, Riccelli e o único filho, Kim, atualmente vivem parte do ano em Los Angeles e outra parte em São Paulo. Eles se consideram “cidadãos do mundo” e pretendem continuar morando nas duas metrópoles. E, quando o ritmo aperta, a família descansa em uma terceira casa, em Trancoso, no litoral sul da Bahia.

Riccelli afirma que hoje tem raízes bem fincadas naquilo que sempre desejou: mobilidade e cinema. De 2007 para cá, passou a desenvolver um esquema de coprodução com a Coração da Selva, dos cineastas Geórgia Costa Araújo e Roberto Moreira, em São Paulo, que também participou do seu longa-metragem anterior, *O Signo da Cidade*. Mas, afinal, com tanto movimento nessa estrada, “onde está a felicidade”? Esse é o título do filme atual, com locações no Caminho de Santiago, a rota mística espanhola, e também na serra da Capivara, no Piauí.

Trata-se de uma comédia romântica escrita e protagonizada por Bruna Lombardi. A trama gira em torno de uma cozinheira de receitas afrodisíacas de um programa de TV, em crise com o marido, que resolve sair em peregrinação. Para o cineasta, o novo longa faz um contraponto cômico à obra anterior, *O Signo da Cidade*, que garfou diversos prêmios, entre eles o de melhor filme pelo júri popular do Festival Internacional de Brasília. “Apesar de esperançoso, o conteúdo catártico fez muita gente chorar”, nota Riccelli. Nele, Bruna vive uma astróloga que distribui conselhos aos ouvintes de rádio ao mesmo tempo que enfrenta um drama pessoal. Riccelli conta que ele e Bruna se mudaram para os Estados Unidos estimulados pelo sonho, idealismo e também “por alguma vontade irresponsável de se aventurar sem muito planejamento”. Não eram fluentes no inglês. Mas tudo foi se ajeitando naturalmente, assim como na época em que se conheceram e se apaixonaram no Xingu, durante as gravações da telenovela *Aritana*, na antiga TV Tupi. Kim foi aceito na escola americana no mesmo instante em que os pais pisaram no colégio.

**Fui para os EUA movido pela vontade de viver uma aventura sem planejar**





Um tanto surpresos, ouviram da diretora um “*just show up*”, que se traduz pelo informal comentário de que bastava simplesmente aparecer para frequentar as aulas. Filho único, Kim cresceu acompanhando a família nos trabalhos. Fez faculdade de teatro nos Estados Unidos e hoje, aos 27 anos, é diretor assistente. Também trabalhou em *O Signo da Cidade* e no penúltimo longa-metragem produzido pelos pais, *SOS: Stress, Orgasm and Salvation*, de 2006, que não foi exibido no Brasil. “Kim realmente se tornou o meu braço direito”, felicita-se Riccelli. “Ele é muito concentrado e atento na caracterização dos personagens. Não deixa passar nada despercebido e está sempre acrescentando uma observação aqui e ali, que no final só enriquece o conjunto da obra.” Não se sabe se quem fala é o diretor exigente ou o pai coruja. Talvez os dois.

Pode parecer surpreendente, mas, antes de se tornar artista, Riccelli se formou em engenharia e exerceu a profissão até a carreira de ator decolar. Ele acredita que esses estudos anteriores se refletem no jeito de encarar a vida. Não teme mudanças. Pelo contrário, lida com elas com entusiasmo e praticidade. Seu prazer é construir, seja planos, seja moradias. Já nem se lembra do número de casas que

**Eu e a Bruna precisamos esquecer que somos casados na hora das filmagens**



ergueu ou reformou para morar, antes mesmo da sua união com Bruna. É um gosto que começou com o pai. Sócio de um conhecido colégio na Aclimação, bairro paulistano onde passou a infância, Riccelli pai também sonhava em ser engenheiro e até fez curso por correspondência. Riccelli filho, por sua vez, entrou para a faculdade Mackenzie, na mesma classe do irmão, hoje um engenheiro atuante em São Paulo. Riccelli chegou a trabalhar em indústria mecânica (área próxima da engenharia civil, daí sua alma de construtor). Depois de formado, participou de um grupo de teatro na faculdade e fez as primeiras peças infantis enquanto terminava o curso para atores na Escola de Arte Dramática da USP, a EAD. O senso prático nunca impediu o amor pela arte. Entre os quatro irmãos, era o que mais se alegrava quando um tio aparecia para cantar e tocar piano em sua casa. Não toca nenhum instrumento, mas em *O Signo* musicou letras de Bruna que viraram canções interpretadas por Caetano Veloso e Maria Bethânia. Agora, compôs um forró para o novo filme, mas não revela a identidade do intérprete.

O ator estreou no cinema em 1970, em uma adaptação de *A Moreninha*. Na década de 1980, encantou a plateia feminina com o corpo perfeito exibido no filme *Ele, o Boto*, de Walter Lima Jr. Hoje, busca esculpir cada vez

mais o talento de diretor e planeja outra série de TV para depois do lançamento de *Onde Está a Felicidade?*.

Engana-se quem imagina que ele e Bruna são grudadados. O diretor afirma que a atriz, dirigida por ele em papéis cômicos ou dramáticos, não é a mesma mulher com quem ele está casado, a sua Bru ou Buru, apelidos carinhosos dispensados à companheira.

“Nessa hora, precisamos esquecer que somos marido e mulher”, diz Riccelli. “Acho que continuamos juntos porque soubemos manter a individualidade. É natural que o crescimento de um favoreça o do outro. Nunca acreditamos em um tipo de relação em que, para um brilhar, o outro tem que se apagar.” Prova de que as crises conjugais da sua comédia não têm nada de autobiográficas. Riccelli considera uma bênção ter construído uma família que se manteve “unida na vida e na arte” – para usar uma expressão que não se desgastou apesar dos 32 anos de uso. “Sabe como é quando a gente pode compartilhar tudo que mais gosta com a pessoa que mais ama?”, pergunta Riccelli. E ele mesmo responde: “É o melhor dos mundos”. ◊

Fotos: abertura Chris Parente/Realização Nôis Martinelli; Kim e Riccelli, Marcelo Trotta; cena do filme, Priscila Prade